

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA

COMICS IN TEACHING THE SPANISH LANGUAGE

LAS HISTORIETAS EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA ESPAÑOLA

Natasha Young Buesa¹ (natybuesa@hotmail.com)

¹Universidade Nove de Julho – Uninove-SP

Resumo

Neste trabalho acadêmico desenvolveu-se uma pesquisa exploratório-qualitativa, de caráter bibliográfico tendo como objetivo geral analisar como as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas em sala de aula para o ensino do espanhol como língua estrangeira para os alunos do ensino superior. A ideia foi fazer um levantamento sobre as atividades que podem ser aplicadas de forma a facilitar a compreensão textual dos alunos, mediante a leitura das HQs. Foram selecionados exercícios para uso em sala de aula como: empregar os quadrinhos para gerar discussões, criar novos textos e diálogos, analisar conteúdos, identificar personalidades, dentre outras opções. Concluiu-se que as histórias em quadrinhos podem ser usadas para o ensino do espanhol como língua estrangeira no ensino superior de diversas formas, como as descritas acima, sempre com o intuito de facilitar e motivar o aprendizado e aprimorar a leitura.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, Ensino do Espanhol, Leitura e Compreensão de Textos, Atividades em Sala de Aula.

Abstract

In this scholarly work developed an exploratory qualitative research, bibliographic character aiming to analyze how General the comics can be used in the classroom for the teaching of Spanish as a foreign language for students of higher education. The idea was to do a survey on activities that can be applied in order to facilitate the understanding of the students, through textual reading of the Comics were selected exercises for classroom use as: employ the comic to generate discussions, create new texts and dialogues, analyze content, identify personalities, among other options. It was concluded that the comics can be used for the teaching of Spanish as a foreign language in higher education of various forms, such as those described above, always with the aim to facilitate and encourage learning and improve reading.

Keywords: Comic books, Teaching Spanish, Reading and comprehension of texts, Classroom Activities.

Resumen

En este trabajo académico se desarrolló una investigación cualitativa exploratoria, de carácter bibliográfico con el objetivo general de analizar cómo las historietas se pueden utilizar en el aula para la enseñanza del español como lengua extranjera para los estudiantes de educación superior. La idea era hacer un sondeo sobre las actividades que se pueden aplicar con el fin de facilitar la comprensión de los estudiantes, a través de la lectura textual de los cómics. Fueron seleccionados ejercicios para el uso en las clases como: utilizar el cómic para generar discusiones, crear diálogos y nuevos textos, analizar el contenido, identificar personalidades, entre otras opciones. Se concluyó que los cómics pueden utilizarse para la enseñanza del español

como lengua extranjera en la educación superior de diversas formas, tales como se describen arriba, siempre con el objetivo de facilitar y fomentar el aprendizaje y mejorar la lectura.

Palabras clave: Historietas, Enseñanza de español, Lectura y comprensión de textos, Actividades en las clases.

Introdução

As Histórias em Quadrinhos, ou HQs, fazem parte do universo de toda criança. Dificilmente uma criança nunca se deparou com um gibizinho da turma da Mônica, do Bidu, da Mafalda ou outra personagem qualquer. Sem dúvida alguma, as HQs atraem a atenção de crianças e adultos ao mexer com a imaginação, na medida em que a arte visual se destaca e o leitor é levado a viajar no universo fantástico, para compreender a ideia que está sendo passada através das imagens.

Pensando a esse respeito, vale refletir sobre como os quadrinhos podem ser usados no contexto educacional, para estimular o hábito da leitura, ao ensinar uma língua estrangeira como o espanhol, de forma a incitar o aprendizado torná-lo mais leve, interessante e divertido.

Diante desse contexto, este trabalho procurará analisar de que forma as histórias em quadrinhos podem ser usadas para o ensino de espanhol como língua estrangeira, em qualquer nível escolar, mas no caso deste artigo em especial, para os alunos do ensino superior, focado no desenvolvimento da leitura.

O problema que se propõe é: em que medida as histórias em quadrinhos podem ser usadas para o ensino do espanhol como língua estrangeira nas salas de aula dos cursos superiores, de forma a melhorar a compreensão textual através de leituras?

E a hipótese provável é que as HQs atraiam a atenção dos estudantes que muito se divertem naturalmente com a leitura de Gibis, na medida em que poderão aprender uma língua estrangeira, no caso o espanhol, de forma mais leve e divertida, mas não menos séria e competente, assimilando conhecimentos novos quase imperceptivelmente, aprimorando a compreensão textual.

Este trabalho tem como objetivo específico apresentar algumas atividades que podem ser realizadas com HQs para ajudar e aprimorar a prática da compreensão de textos dos alunos nas aulas de espanhol, levando em consideração a insuficiência comprovada que boa parte dos discentes apresenta nesse ponto. Vale ressaltar esse foco, dado que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam para a leitura como a habilidade que merece destaque no ensino de uma língua estrangeira.

A ideia de estudar as HQs como ferramenta de ensino de uma língua estrangeira como o espanhol surgiu pela necessidade de diversificar o ensino de línguas, de forma a facilitar o aprendizado, variar os métodos empregados, e ampliar o hábito de leitura na medida em que a

leitura dos quadrinhos é leve e graciosa, mexendo com o lúdico. Pode ser utilizada para todas as idades, em todos os níveis escolares.

No que se refere à colaboração da pesquisa nesta área de professor de espanhol, percebe-se o interesse que os alunos têm nas aulas quando aparecem histórias em quadrinhos. É como sentissem que a aula fica mais divertida e interessante. Sendo assim, vivenciando essa experiência, provavelmente os alunos do nível superior também irão gostar desse trabalho em sala, e isso foi o que motivou a escolha pelo tema: planejar e executar aulas que estimulem os alunos, mexendo com o lúdico e que ao mesmo tempo leve-os a superar as dificuldades de compreensão de texto que tanto dificultam o processo de aprendizagem.

Em um primeiro momento serão analisados textos de diversos autores de forma a criar uma familiarização com o tema proposto, com uma leitura em textos de Waldomiro Vergueiro, Maria Beatriz Rahde, Álvaro de Moya, dentre outros autores. Na sequência um levantamento sobre os conceitos e os conteúdos mais importantes a serem colocados no trabalho de forma a atingir o objetivo final.

Procurar-se-á realizar neste trabalho uma pesquisa exploratória visando obter mais conhecimento sobre o assunto, mediante pesquisa analítico-bibliográfica, de caráter qualitativo, realizando levantamentos sobre os temas explorados em diferentes fontes como livros, biografias, monografias, artigos de revistas, bem como textos retirados da *internet* e vídeos.

Na primeira parte será feito um levantamento sobre a origem e evolução das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo, bem como a sua situação no contexto atual. Na sequência será abordado o período de crise pelo qual passaram as HQs, bem como, como funciona o ensino da língua espanhola com o uso de histórias em quadrinho, tendo como foco a leitura. Também serão abordadas as diferentes metodologias empregadas no ensino de línguas estrangeiras, para concluir com a análise dos resultados.

1 Origem e Evolução das Histórias em Quadrinhos

1.1. Primórdios e breve evolução das Histórias em Quadrinhos

Lovetro (apud SILVEIRA, 2001) afirma que a linguagem dos quadrinhos se confunde com a história da humanidade, sendo tão atual quanto os rabiscos feitos pelos homens das cavernas.

Para Rahde (1996) desde a pré-história podem-se verificar registros de imagens criadas pelos homens, com traçados que representavam animais selvagens que cercavam e ameaçavam a existência e o universo primitivos. Seria interessante, então, compreender qual o propósito desses desenhos, estruturados em uma sequência narrativa, no interior das cavernas. Gaiarsa (1970 apud RAHDE, 1996, p. 103) afirma que: “Os acadêmicos... dizem que os desenhos famosos das cavernas pré-históricas – que foram a primeira história em quadrinhos que já se fez eram um

‘ensaio de controlar magicamente o mundo’ ... Ora... estes desenhos controlavam... a realidade e eram mágicos – sem mais”.

Knoplech (2010) confirma essa informação quando assevera que a origem das histórias em quadrinhos remonta à pintura rupestre da pré-história. Nas grutas de Lascaux, na França, e Altamira, na Espanha, há desenhos que mostram aventuras de caça, e no Egito há hieróglifos e desenhos contando a vida dos faraós em baixo-relevo. Também diz que narrativas figuradas são comuns à via-sacra, aos estandartes chineses, às tapeçarias medievais, aos vitrais góticos e aos livros ilustrados de diversas épocas. Afirma também que os filactérios, que são faixas com palavras escritas junto à boca dos personagens, que eram usados em ilustrações europeias desde o século XIV, são considerados a gênese dos balões.

Conforme Gaiarsa (1970 apud RAHDE, 1996, p. 104), “a primeira forma de escrita conhecida — os hieróglifos do Egito — foi o segundo tipo de histórias em quadrinhos que a humanidade conheceu”.

De qualquer forma, foi apenas após a invenção da prensa por Gutemberg no século XV que a imagem impressa foi difundida no mundo. Na área do desenho, começou com a impressão de charges criticando a monarquia e sua pomposidade diante da pobreza dos súditos. (LOVETRO apud SILVEIRA, 2001)

Somente após o século XIX, os desenhistas começaram a contar histórias através da linguagem dos quadrinhos. Em 1827, o suíço Rudolph Töpffer, que era professor, publicou *M. Vieux-Bois*, que foi considerado por Goethe (pensador e escritor alemão) um romance caricaturado. (LOVETRO apud SILVEIRA, 2001)

Em 1861, surge o Dr. Semana, de Henrique Fleiuss, e em 1865 surgem Max e Moritz (Juca e Chico foram os nomes que receberam quando traduzidos por Olavo Bilac), uma dupla de moleques travessos criada por Wilhelm Busch, que em bolos iam ao forno, demonstrando violência, nada aprovados pelos pedagogos da época. Seriam a inspiração para a série ‘Sobrinhos do Capitão’, de Dirks, em 1897, que já incluía onomatopeias e novos sinais gráficos, assim como já utilizava quadrinhos pretos em volta da ação. Essas histórias são exemplos de HQs completas. (KNOPLECH, 2010)

Segundo Rahde (1996), os *comics* verdadeiramente modernos começaram a aparecer apenas em 1889 na França e em 1896, com a forma atual, nos Estados Unidos. Em 1895, nos Estados Unidos, era criado o personagem *Yellow Kid*, que era uma charge de um garoto de bairro da periferia de Nova Iorque que fazia crítica social. As falas do personagem estavam na bata que ele vestia. (LOVETRO apud SILVEIRA, 2001)

De acordo com Campos (1990 apud PENNA, 2010, p. 10-11), a autoria da primeira história em quadrinhos é bastante controversa:

os livros norte americanos nem têm dúvida: a primeira história em quadrinhos é o Yellow Kid, criada em 1894 por Richard F. Outcault. Mas a Inglaterra apresenta as páginas desenhadas por Gilbert Dalziel em 1884, como prova de que os quadrinhos são uma invenção inglesa. Os alemães podem afirmar que os dois primeiros heróis dos quadrinhos surgiram em 1865 na Alemanha: foi Max e Moritz, de Wilhelm Busch. Mas, por outro lado, os espanhóis podem falar dos quadrinhos de Goya, do início do século XIX. No Brasil orgulhamo-nos do ítalo-brasileiro Ângelo Agostini que inventou os quadrinhos em 1884. Mas alguns diversionistas sustentam que Agostini teria sido precedido por Henrique Fleiuss e seu Dr. Semana. (CAMPOS, 1990 apud PENNA, 2010, p. 10-11)

As HQs eram publicadas aos domingos, nos jornais locais de diversas cidades do mundo e foi em 1907 que ocorreu o *boom* com o surgimento da primeira tirinha *Daily Strip*. Essa aparição fez com que conquistassem espaço definitivo nos jornais e comesçassem a fazer parte do cotidiano da população. (LUYTEN, 1985 apud PENNA, 2010, p. 12)

Ainda conforme o autor, os temas das histórias em quadrinhos na primeira década do século XIX giravam em torno de crianças travessas e espertas, animais humanizados, trapalhões cômicos, dentre outros. Com o passar do tempo surgem as tirinhas seriadas, que mantinham a mesma estrutura, mas que apresentavam característica de novela, pois a tirinha diária tinha um tema que era central, mas a cada dia um novo 'capítulo' era apresentado.

Em 1929, em plena crise da bolsa de valores de Nova Iorque, nos Estados Unidos, surgiram os primeiros personagens de aventura como Buck Rogers e Tarzan, que iniciaram a era de ouro (*Golden Age*) das HQs americanas que invadiram o mundo, regida por três gêneros: ficção científica, passado medieval e aventuras na selva. Surgiram, então, o Príncipe Valente, Flash Gordon, o Agente X-9, Mandrake, o Super-Homem, o Fantasma e o Batman, dentre outros super-heróis. (LOVETRO apud SILVEIRA, 2001)

Penna (2010) conta que, na Europa, as histórias do autor belga Hergé, Tintin, começavam a ser publicadas em álbuns no lugar de em jornais. Assim foram surgindo outros álbuns e personagens. Na década de 30, na América, surge um personagem que cativaria a todos fazendo enorme sucesso: o famoso ratinho Mickey Mouse, responsável pelo império Disney, que seria o primeiro de uma série: Pato Donald, Margarida, Tio Patinhas, Minnie, Zé Carioca, dentre outros.

1.2 A crise das Histórias em Quadrinhos e o seu contexto atual

A pesar da alegria, alguns personagens da Disney tinham um problema. Esses quadrinhos muitas vezes continham o Tio Patinhas como herói que não poupava esforço para descobrir qualquer fonte de renda (minas de ouro). Eram personagens voltados para a classe dominante burguesa, e seus personagens eram quase todos brancos, ricos e com comportamentos manipuladores, ditando padrões de vida e comportamentos. Segundo os sociólogos chilenos Dorfman e Matterlart (apud PENNA, 2010, p. 14), "essas HQ influenciaram negativamente durante vários anos as populações infanto-juvenis de todo o mundo." "As crianças aprendiam com os

quadrinhos Disney lições de como obter dinheiro e lucro sem trabalhar para isso, aprendiam também lições de como se aproveitar dos mais fracos e a desprezar sociedades diferentes das que eram retratadas nos quadrinhos”. (LUYTEN, 1985 apud PENNA 2010, p. 14)

Essa crise piorou com a publicação de “A Sedução dos Inocentes”, do psiquiatra Frederic Wertham, que escreveu em suas páginas que a responsabilidade por todos os males do mundo era dos quadrinhos. Dizia, por exemplo, que a Mulher Maravilha representava ideias de cunho sexual e que a dupla Batman e Robin induzia um comportamento homossexual. (PENNA, 2010)

O autor informa que essas informações chegam ao Brasil no início dos anos 50, e as histórias em quadrinhos passaram a ser vistas como ‘literatura marginal’. Assim, pais e professores proibiram que as crianças lessem esse gênero textual.

Para Moya (1986), foi só na década de 60 que os europeus descobriram as HQ e assim elas invadiram as universidades, os livros considerados ‘sérios’, os museus, e logo, todos tornaram-se fãs. A relação dos quadrinhos com as crianças e os adultos foi amplamente estudada e os primeiros trabalhos se tornaram estudos científicos, feitos para a Unesco, na tentativa de usar a linguagem dos *comics* para fins educacionais.

Nos anos 50, um revolucionário dos quadrinhos chamado Charles Schulz, cria histórias com um grupo de crianças: a Turma de Charlie Brown. São histórias onde crianças questionam o mundo, mais que os adultos. Essa tira marcou o início da era intelectual dos quadrinhos, com valorização do texto sobre as imagens. (LUYTEN, 1985 apud PENNA, 2010)

Surge depois, na Argentina, a Mafalda, personagem de Quino, famosa até os dias atuais. Mafalda é uma menina politizada que dá lições de sociologia e política aos seus pais, adultos. (PENNA, 2010)

No Brasil, Bari (2008) informa que os primeiros registros de desenhos ilustrativos vêm da imprensa pernambucana, destacando-se dois jornais que eram publicados em Recife, em 1831 O Corcondão e em 1832 O Carapuceiro, marcando o humor.

Nos anos 60 surgiram os personagens de Mauricio de Sousa, a Turma da Mônica, e de Ziraldo, o Pererê, entre outros, que logo caíram no gosto popular. Em 1980, Ziraldo cria o Menino Maluquinho, que foi para o cinema e TV. “Os dois artistas são ícones para os professores, que costumam utilizar seus gibis e livros para ajudar na alfabetização das crianças nas salas de aula”. (LOVETRO apud SILVEIRA, 2001, p. 14)

Muitos são os autores de quadrinhos no Brasil, como Jayme Cortez, que comandou a era de ouro da HQ nacional nos anos 50 com quadrinhos de terror e aventura. Há ainda a nova geração com Angelí, Laerte e Glauco e seus personagens de humor, dentre outros excelentes caricaturistas.

Bari (2008) informa que nos dias atuais existe uma nova forma de divulgação das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo, a *Internet*. Aos poucos foram surgindo *sites* exclusivos para

sua veiculação. A autora afirma que o pioneiro das HQtrônicas, como são chamadas as histórias em quadrinhos totalmente produzidas de forma digital, foi Fábio Yabu, com seus *Combo Rangers*, fazendo enorme sucesso.

Vergueiro (2007) complementa dizendo que nos últimos tempos percebe-se o aumento do número de obras de caráter educacional, com o lançamento de quadrinizações de obras literárias, que recuperam obras populares das décadas de 50 e 60, como, por exemplo, a série Literatura Brasileira em Quadrinhos, iniciada em 2005, voltada para as salas de aula. Isso se deveu à inclusão das histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como complementação didática no ensino formal.

2 HQ no Ensino da Língua Espanhola — Foco na Leitura

2.1 O Ensino da Língua Espanhola

A Lei nº 13.415 (BRASIL, 2017, grifo meu) normatiza o ensino da língua espanhola no Brasil e determina o seguinte: “art. 35 § 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o **espanhol**, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN (BRASIL, 2006, p. 131), sobre o ensino de uma língua estrangeira, no caso específico do espanhol, afirmam que: “[...] precisa interagir com outras disciplinas, encontrar interdependências, convergências, de modo a que se restabeleçam as ligações de nossa realidade complexa que os olhares simplificadores tentaram desfazer; precisa, enfim, ocupar um papel diferenciado na construção coletiva do conhecimento e na formação do cidadão”.

Os PCN determinam ainda o objetivo principal do professor de língua estrangeira como, tornar possível para seu aluno atribuir e produzir significados, no ato de linguagem. Vale ressaltar que sobre o ensino do espanhol como língua estrangeira no ensino superior não há contemplação nem na Lei nº 13.415, nem nos Parâmetros Curriculares Nacionais, dependendo da grade de cada curso, de cada Instituição de Ensino Superior.

Para Silva e Silva (2010), a sala de aula funciona como um laboratório, onde as realidades, os valores, os biótipos e classes diversificadas estão inseridos, transformando-se em um lugar ideal para se trabalhar a diversidade da língua espanhola.

Penna (2010) comenta que, em geral, pelo senso comum da população e muitas vezes da mídia, a língua espanhola é considerada uma língua ‘fácil’, por ser parecida com a língua portuguesa, mas a autora defende a ideia que o espanhol é um idioma como qualquer outro, e por isso, não pode ser considerado fácil por sua semelhança. O professor precisará estabelecer uma comunicação criativa, fazendo surgir informações, significações e elaborações novas, e para isso

o idioma deve ser aprendido em sua totalidade, sem nenhum tipo de redução do código escrito ou oralidade. Sobre o assunto, os PCN mencionam que:

(...) a língua estrangeira não é simplesmente matéria escolar a ser aprendida, mas tem função educacional, e um dos seus papéis mais importantes, o de expor os alunos a outra língua a partir de uma óptica menos instrumental, poderá ajudar, entre outras coisas, a interferir positivamente na relação que os estudantes brasileiros guardam com a própria língua, em especial com a escrita. No caso específico da Língua Espanhola, esta pode contribuir significativamente para isso, dada a especial relação que mantém com a Língua Portuguesa (CELADA; RODRIGUES, 2004 apud PENNA, 2010)

2.2 Metodologias de ensino de Língua Estrangeira

Segundo Jalil e Procailo (2009), vários são os métodos de ensino que podem ser utilizados em sala de aula para o ensino de uma língua estrangeira, no entanto é importante refletir sobre se existe ou não um método ideal a ser empregado. As autoras traçam um panorama sobre os principais métodos e abordagens aplicados desde o início do século XX.

Método Tradicional ou da Gramática-Tradução: esse método gira em torno da tradução e versão de textos literários para auxiliar os aprendizes na leitura desses textos em língua estrangeira. Foi a maneira encontrada para trabalhar línguas clássicas como o grego e o latim, que eram ensinadas nas escolas até meados do século XX. O grande sucesso era obter a capacidade de traduzir de uma língua para outra, mediante tradução literal e busca das similaridades entre ambas as línguas estudadas. Pode-se dizer que ainda é um hábito comum em sala de aula. Nesse método a gramática assume papel normativo, sendo um dos focos centrais da aula. O professor explica as regras e os alunos as aplicam por meio de exercícios gramaticais tradicionais. O enfoque está no desenvolvimento das habilidades de leitura e produção textual. Aqui o professor-transmissor é a peça central da sala de aula, pois detém o saber, e pouca ou nenhuma iniciativa é atribuída aos alunos.

Método Direto: ao contrário do que ocorre com o método anterior, o Método Direto elimina o valor do uso da primeira língua, enfatizando o uso da língua-alvo em sala de aula. A regra é 'pensar na língua estrangeira'. A leitura continua sendo uma das habilidades privilegiadas, mas caminha junto com a habilidade da fala e aquisição de vocabulário, mediante textos e situações propostas. Para evitar a tradução, o professor usa imagens, demonstrações, pantomimas (gestos) e realia (objetos e atividades advindas do contexto real de uso da língua estrangeira). A pronúncia é trabalhada desde o início dos estudos. Nessa abordagem o professor induz o aluno a um processo de descoberta das regras gramaticais a partir de generalizações. Aqui o aluno tem um papel mais ativo no processo de aprendizagem e o professor apenas direciona as atividades.

Método Audiolingual: esse método também privilegia o desenvolvimento de habilidades orais. A língua é vista como um conjunto de hábitos que são adquiridos mediante um processo de

estímulo-resposta, ou seja, quanto mais vezes algo for repetido, melhor será o aprendizado. Segue-se, neste método, a ordem natural de aquisição da primeira língua: compreensão auditiva, produção oral, compreensão textual e produção textual. As estruturas e vocabulários são apresentados mediante diálogos artificiais, criados com o propósito de colocar o aluno em contato com um possível contexto. Os diálogos são aprendidos mediante imitação e repetição. Baseado na psicologia comportamentalista de Skinner, esse método coloca o professor no centro do processo, dirigindo e controlando o comportamento linguístico do aprendiz. Aqui o professor realiza a correção imediata dos erros, pois se acreditava que eles levavam à formação de maus hábitos, sendo considerados destrutivos.

Método Comunicativo: por volta das décadas de 70 e 80 do século XX, professores e linguistas perceberam que os alunos eram capazes de produzir frases gramaticamente corretas, na maioria das vezes, mas não conseguiam utilizá-las em situações realmente comunicativas e reais, ficando claro que a comunicação requeria mais do que apenas conhecimento das regras. O conceito de competência comunicativa, desenvolvido por Hymes (1970), vai além do conhecimento linguístico do aluno, pois engloba outras competências como a cultural, que é o conhecimento sobre o contexto sociocultural no qual se fala a língua-alvo, considerando o país, sua população, tradições, costumes e hábitos. Envolve ainda a competência sociolinguística que é aquela necessária para saber escolher quais os meios e registros de comunicação são mais adequados para aquele momento comunicativo. Outra competência é a discursiva, que diz respeito à capacidade de construir e interpretar textos em seu conjunto. A leitura, aqui dependerá do material didático, mas principalmente da articulação que o professor fizer entre ele e o conhecimento de mundo do aluno. Há ainda a competência estratégica, que é a capacidade de usar estratégias apropriadas para compensar as deficiências no domínio da língua, como, por exemplo, falar mais lentamente, pedir para repetir ou esclarecer algo, enfatizar palavras, dentre outras. Nesse método o professor é um mediador da aprendizagem, promovendo situações efetivas de uso da língua, atuando como conselheiro. Com relação aos erros, o professor geralmente não corrige imediatamente, trabalhando-os como algo construtivo.

Mas, então, qual será o melhor método a ser utilizado em sala de aula? Silva (2004 apud JALIL; PROCAILO, 2009) explica que como nenhuma sala de aula é igual, nem os alunos, objetivos, intenções, expectativas, ou professores, então, os diferentes métodos e abordagens podem ser aplicados em qualquer lugar e em qualquer circunstância, dependendo das necessidades de cada um. O professor, provavelmente, vai tomar a sua decisão sobre qual método utilizar em determinado momento de acordo com a sua experiência, com a sua vivência com o grupo, com o contexto cultural, social e com os valores pessoais, mesclando os métodos.

2.3 O Foco na Leitura

Nesta última década, constatou-se, mediante pesquisas feitas por agências e universidades nacionais e internacionais, que o foco na leitura deve ser cada vez mais forte, visto que os resultados indicam insuficiência na compreensão de textos, sendo importante compreender o que o jovem lê, como lê, avaliando, inclusive, se ele lê melhor ou pior diante das novas tecnologias de informação e comunicação. (BRASIL, 2006)

Mendez et al. (2011) afirmam que no que se refere à leitura os materiais disponíveis no mercado para línguas estrangeiras ficam limitados a manuais com respostas prefixadas.

Para Penna (2010), as histórias em quadrinhos devem ser utilizadas em sala de aula sem que sejam vistas como pífias, medíocres ou sem conteúdo. Por exemplo, nas atividades de leitura, vários aspectos da produção de sentido podem ser explorados, como será visto mais adiante.

Para finalizar vale a pena lembrar que os vários métodos de ensino empregados no ensino de uma língua estrangeira, como dizem Jalil e Procailo (2009), colocam ênfase na leitura. O Método Tradicional utiliza a tradução e versão de textos de forma a auxiliar o aluno a facilitar a leitura de textos e sua compreensão. O Método Direto emprega diretamente a língua-alvo, de forma a possibilitar ao aluno 'pensar na língua estrangeira', desenvolvendo as habilidades orais. O Método Audiolingual ensina mediante estímulo-resposta, ou seja, através da repetição para formar hábitos nos aprendizes, com foco no desenvolvimento das habilidades orais também. Finalmente, o Método Comunicativo, que foca todas as habilidades, mas sempre considerando o conhecimento de mundo que o aprendiz tem, e suas necessidades no processo de ensino aprendizagem, criando situações reais de comunicação. Ou seja, a habilidade de leitura, enfatizada pelos PCN, foi escolhida neste trabalho por estar sempre presente nas necessidades dos aprendizes de uma língua estrangeira.

2.4 As Histórias em Quadrinhos no Ensino

A criança, ao esperar a mãe comprar o jornal na banca, avista uma revista pequena, quase do seu tamanho, entretido com seu conteúdo, ela pede para a mãe comprar. A ação foi suficiente, eternamente, aquele pequeno ser estará marcado pela magia que envolve o mundo das histórias em quadrinhos. Um hábito iniciado na infância será o causador de tardes de entretenimento e diversão, risos e reflexões, e principalmente de muita aventura. (KNOPLECH, 2010, p. 1)

Penna (2010) afirma que desde 1990, o Ministério de Educação (MEC) validou o uso das histórias em quadrinhos no livro didático.

Para Mendez et al. (2011), atualmente, está em pauta a importância de se trabalhar, nas escolas, com material didático que contenha gêneros diversificados, que vão além de textos literários e científicos e que incluam contos, poemas, charges, tirinhas, quadrinhos, crônicas, e-mails, receitas, cartões postais, dentre outros. Dizem ainda que, além de as tirinhas serem

importantes por seu caráter visual, fazem uso de metáforas, e ensinar o estudante a descobri-las e compreendê-las (as figuras de linguagem) em tiras é algo que com certeza fará com que amplie a sua capacidade linguística. Outro ponto interessante são os traços e expressões das personagens, que também apresentam uma linguagem implícita que o aluno precisará descobrir, aumentando ainda mais o seu campo de conhecimento e sua capacidade de interpretação, isso sem contar que precisará usar sua bagagem para conseguir fazer associações.

Por isso, as HQ são acessíveis não só aos adultos, mas principalmente às crianças e adolescentes que estão em processo de letramento, podendo se apoiar nos desenhos das HQ para reproduzir o sentido e a intencionalidade do texto. Esse fator não só conquista a preferência dos leitores, como também incrementa a fluência da leitura. Essa relativa facilidade pode se confundir com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que 'ler quadrinhos é muito fácil'. (MENDONÇA, 2003 apud PENNA, 2010, p. 26)

Luyten (apud SILVEIRA, 2011, p. 7) afirma que os quadrinhos motivam inclusive aqueles estudantes relutantes ao aprendizado e à leitura, pois lhes dão a oportunidade de ler um material que mistura imagem e texto, expressando simbolismos, pontos de vista, drama, humor, sátira, enfim, tudo em um só texto.

Vergueiro (2004, apud PENNA, 2010) afirma ainda que as HQ podem ser usadas em sala de aula para introduzir um tema que será desenvolvido mediante outros meios, para aprofundar diversos conteúdos e conceitos, para gerar reflexão ou discussão sobre determinados assuntos ou auxiliar de forma lúdica um assunto árido ou de difícil compreensão.

3 Apresentação e análise dos dados

Procurar-se-á realizar neste trabalho uma análise sobre as mais variadas atividades que podem ser desenvolvidas em uma sala de aula, de forma a despertar a curiosidade dos alunos para que desenvolvam a prática da compreensão textual mediante uso da leitura de histórias em quadrinhos.

3.1 O uso dos Quadrinhos nas aulas de espanhol

Lovetro (apud SILVEIRA, 2011) comenta que os professores costumam usar histórias em quadrinhos para realizar alguns exercícios básicos em sala de aula, de forma criativa. Um exemplo seria tirar uma fotocópia de uma página de algum quadrinho para trabalhar o conteúdo da aula, eliminando os textos dos balões, mantendo apenas os desenhos na sequência original. Dessa forma, os alunos têm a tarefa de completar os balões, criando a história.

Nesse caso o aprendiz precisa estruturar início, meio e fim, com uma boa redação, tendo poder de síntese, pois as informações devem caber nos espaços. Como não é possível imaginar os quadrinhos apenas como estímulo à leitura, surgem atividades como estímulo para qualquer

área. Aqui, a criatividade, o poder de síntese, o imaginário e o conhecimento sobre uma correta redação são empregados pelo aluno. A leitura será trabalhada no final, ao serem lidas as novas criações e interpretadas pelos alunos. Essa atividade pode e deve ser aplicada em uma sala de aula cujo ensino seja do espanhol. Como o foco deste trabalho é o uso das histórias em quadrinhos, então a história escolhida deverá ser de algum personagem.

Essa atividade está ligada ao método comunicativo já explicado anteriormente, visto embasar-se principalmente na liberdade de criação do aluno, deixando imaginar livremente a sequência da história, tendo como base apenas as imagens dos quadrinhos. É uma atividade bastante avançada, pois, os alunos precisam ter um grau de conhecimento gramatical amplo da língua-alvo, para conseguir redigir de forma correta e concisa os balões. Os temas podem variar de acordo com a necessidade do professor que pode pegar histórias mais ligadas a conflitos entre os personagens, viagens feitas pelos discentes, decisões tomadas pelos pais que podem influenciar na convivência ou distância dos amigos, enfim, dentro o universo de quadrinhos há uma infinidade de temas que podem ser escolhidos pelo professor para ensinar o conteúdo planejado para determinada aula. Neste trabalho o foco não é escolher que temas utilizar em sala de aula, mas sim como utilizar as HQs.

Desse ponto em diante, todas as propostas de atividades com quadrinhos em sala de aula levarão em consideração HQs, aplicadas prioritariamente a alunos do ensino superior, e com foco no desenvolvimento principalmente da habilidade de leitura.

Para se desenvolver bem a leitura é necessário que o aprendiz tenha concentração. Sabe-se que os jovens atuais fazem várias coisas ao mesmo tempo como mexer no computador, simultaneamente em que conversam com um ou mais amigos, estando ao mesmo tempo ouvindo música. Quando esse mesmo jovem decidir ler uma HQ, poderá até estar ouvindo música ao mesmo tempo, mas com certeza estará percebendo que precisa de concentração para conseguir compreender a mensagem. (LOVETRO, apud SILVEIRA, 2011)

[...] uma forma de trabalhar as HQ, por exemplo, seria apresentar o início da história até o segundo ou terceiro quadrinho e, então, explorar, com os alunos, as possíveis expectativas, o que poderia aparecer nos últimos quadrinhos, fazendo um levantamento de hipóteses. (PENNA, 2010, p. 20)

Aqui pode ser utilizada uma tirinha que é mais curta, ou uma historinha completa, ocultando o seu final. Nesse caso também se está diante de uma atividade que requer um conhecimento um pouco mais avançado, para que o aluno seja capaz de interpretar o que foi lido, compreender seu significado, imaginar o que pode vir no final, mas principalmente, imaginar esse final e escrevê-lo empregando a língua-alvo. Palavras mais simples podem bastar para completar esses balões que restam, e a atividade pode ser adaptada para aprendizes com menos conhecimento do espanhol, mas, poderia ser mais amplamente aproveitada no caso de alunos

com maior grau de conhecimento. Aqui também se segue o método comunicativo em sua totalidade, mas pode ser necessário em algum momento que o professor trabalhe um pouco de tradução de vocabulário desconhecido ou gramática para ensinar aquilo que os aprendizes desconhecem. A leitura é prioritária para que os alunos compreendam o início da história e possam completar o final de forma coerente.

Luyten (apud SILVEIRA, 2011) menciona algumas formas de utilizar os quadrinhos em sala de aula que são:

Como tema de discussões: refletindo sobre os conteúdos das histórias, fazer uma abordagem histórica de personagens índios, negros, imigrantes, dentre outros, que façam com que os alunos reflitam sobre um juízo crítico de valores que são aceitos ou não pela sociedade, gerando debates sobre violência, racismo, tolerância, *bullying*, etc. Nesse caso, trabalha-se muito com a compreensão do texto e com as habilidades de leitura e oralidade, visto ser uma atividade de discussão e debate entre os alunos. Muito bom para fazer com que o aluno assuma a sua posição na sociedade e entenda o que é certo e errado, aceito ou não.

Quadrinhos da linguagem escrita e oral: estimulando criações literárias e artísticas dos alunos, especificamente no ensino de língua estrangeira, dá a oportunidade de o aluno formar diálogos nos balões usando uma história já desenhada, recortada ou adaptada para esse fim. Nesse caso a autora fala sobre atividades que já foram propostas acima. De fato, uma excelente atividade para desenvolver a criatividade do aluno propiciando a prática da leitura, da escrita e da oralidade, ao explicar aos colegas o que desenvolveu na história.

Análise de conteúdo: aqui é possível realizar a análise das personagens, em seu aspecto físico junto com o aspecto psicológico. Também pode ser feito um trabalho de análise do tipo de vocabulário utilizado pelo desenhista, quais os sentimentos que despertam no leitor, como os personagens reagem às situações que enfrentam como medo ou coragem, amor e ódio, dentre outros. Diante do uso de *mangás*, que são as histórias em estilo japonês, é possível analisar a diferença cultural. Ainda é possível analisar uma historinha verificando se gera estereótipos familiares (pai, filho), profissionais (médicos, lixeiros), sociais (ricos e pobres), nacionais (africanos, asiáticos, árabes), culturais (como é vista a família, a velhice), dentre outros assuntos. De fato, neste ponto muitos assuntos podem ser abordados e trabalhos podem ser feitos em sala de aula, com as diversas turmas e suas diferentes idades, cada um utilizando o conhecimento que tem. Uma excelente prática para as habilidades de oralidade, inclusive leitura.

Identificação projetiva da personalidade: muitas brincadeiras e testes podem ser feitos com jovens e adultos em sala de aula. Diante de heróis, heroínas, vilões, animais e personagens pedir para os alunos escolherem um e falarem de sua preferência ou repúdio, contando o que gostariam de ser e os motivos. Dessa forma, podem projetar a sua personalidade ou aquilo que desejam ser.

Uma excelente atividade também ativadora do processo de leitura e oralidade, estimulando a criatividade do aluno.

Fazer uma História em Quadrinhos: nem todos têm a habilidade para desenhar ou escrever roteiros, então a autora sugere uma série de atividades possíveis: a leitura de um texto e sua quadrinização, elaborando um roteiro e utilizando balões, onomatopeias, etc.; a criação de uma HQ sobre um assunto; a partir da escolha de um tema qualquer como um domingo no parque, desenhar diferentes histórias de acordo com o ponto de vista de cada personagem do parque como o pipoqueiro, a criança brincando, os peixinhos do lago, e assim por diante. Essas atividades propostas pela autora podem ser usadas para qualquer disciplina e, se adaptadas, podem ser empregadas no ensino do espanhol priorizando a leitura.

Neuner (1996 apud RODRIGUEZ, 2008) também dá exemplos de atividades com HQ que podem ser utilizadas em sala de aula. Ele divide os exercícios em quatro tipos: de natureza receptiva, reprodutiva, reprodutivo-produtiva e produtiva.

Exercícios receptivos: visam ao desenvolvimento da leitura e compreensão. São exemplos: sublinhar as partes mais importantes do texto, fazer um resumo da história, definir as palavras-chave do texto e a relação entre elas, produzir um texto paralelo, mais simples, dividir o texto em partes, de acordo com as ideias diferentes, responder perguntas do tipo certo e errado ou de múltipla escolha, completar frases, e colocar frases ou os quadros na ordem correta. Aqui o método comunicativo é empregado de forma a utilizar o conhecimento prévio dos aprendizes, incentivando a leitura.

Exercícios reprodutivos: neles os exercícios são guiados, marcados pela repetição, nos quais o aluno reproduz modelos pré-determinados. São exemplos: substituição de termos, preenchimento de lacunas com pronomes, verbos, dentre outros, memorização apoiada em imagens, exercícios para completar um diálogo e para organizar frases ou trechos. Nesse caso o método audiolingual ganha força, empregando exercícios repetitivos gramaticais, memorização e formação de hábitos.

Exercícios reprodutivo-produtivos: apresentam caráter menos reprodutivo que os anteriores, gerando um grau de independência e criatividade do aluno. São exemplos: a realização de um diálogo aberto depois da leitura dos quadrinhos, a resolução de problemas levantados na leitura da história, dar sequência a uma história em quadrinhos e recontar ou reescrever uma história em outro tipo de texto. Aqui o método comunicativo ganha destaque, empregando a criatividade dos aprendizes em maior ou menor grau.

Exercícios Produtivos: neles o aluno se vale da livre comunicação. Os exercícios desse tipo são bastante infrequentes nos manuais didáticos. São exemplos: tomada de posição fundamentada e espontânea baseada em determinado tema, discussão com papéis determinados ou livres, e narração de uma história com conhecimentos prévios.

De acordo com Rodriguez (2008), para se trabalhar com HQ em sala de aula, alguns pontos devem ser analisados previamente pelo professor. São eles: qual o objetivo ao utilizar quadrinhos em uma aula; qual o estilo do quadrinho que deve-se procurar; qual a temática que se pretende abordar na aula; qual a turma que vai realizar essa atividade e o seu conhecimento; que habilidades pretende-se treinar com essa atividade (leitura, fala, escrita); que tipo de exercícios se pretende utilizar, (receptivos, reprodutivos, reprodutivo-produtivos ou produtivos); e como saber se vai dar certo? Se não será fácil demais ou difícil demais?

Enfim, não é fácil selecionar histórias em quadrinhos para se trabalhar em sala de aula diante do universo de incógnitas que aparecem, sendo muito trabalhoso o seu preparo, no entanto, diante da incalculável motivação que causa nos alunos, seu uso deve ser realizado, de forma a estimular a criatividade dos alunos, e facilitar o aprendizado do conteúdo de forma lúdica.

Considerações Finais

O uso de quadrinhos tem o objetivo de ajudar, motivar e estimular o aluno a desenvolver habilidades, além de ensinar de forma lúdica. Os benefícios serão muitos. As Histórias em Quadrinhos dão uma extraordinária representação visual do conhecimento, mostram o que é essencial, ajudam na organização narrativa da história, são de fácil memorização, enriquecem a leitura, a escrita e o pensamento e desenvolvem conexões entre o visual e o verbal. (LUYTEN, apud SILVEIRA, 2011, p. 25)

O objetivo deste trabalho foi pesquisar o uso das HQ no ensino de uma LE, no caso o espanhol, focado na leitura, de forma a proporcionar aos alunos do ensino superior a continuidade do aprendizado em seu próprio meio, aumentando seus conhecimentos conceituais e melhorando a sua capacidade de leitura em língua materna, visto que a prática de uma língua serve para ampliar o hábito em qualquer língua.

Procurou-se reforçar a ideia que, de fato, as histórias em quadrinhos muito têm a contribuir para o ensino acadêmico, especificamente para o ensino do espanhol como língua estrangeira, deixando de ser considerados textos menores, que prejudicam o aprendizado, para se transformar em uma rica ferramenta de ensino-aprendizagem.

Não se pode esquecer de que as ilustrações tornam mais divertidas as mensagens educacionais e que a aplicação das HQ na educação de qualquer tipo de aluno pode ajudar a fortalecer a sua formação em qualquer etapa, dando base mais sólida para seu desenvolvimento no mercado de trabalho.

Nos dias atuais, quanto mais preparo, quanto mais jogo de cintura, quanto melhor sua formação, maiores as chances de adentrar e permanecer no mundo profissional com segurança, preparado para enfrentar situações nas quais saber simplesmente executar uma ação não serve para se conseguir uma posição de destaque no corpo administrativo das organizações. A cada dia

mais se exige dos profissionais a capacidade de compreensão e análise das situações, bem como explanação sobre o que está ocorrendo e como tomar a melhor decisão. E isso não é necessário apenas no mundo profissional, mas também em sua vida pessoal.

Referências

- BARI, Valéria Aparecida. **O Potencial das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores:** busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. 2008.
- BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art22> Acesso em: 20 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 239 p.
- JALIL, Samira Abdel; PROCAILO, Leonilda. Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras, perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.
- KNOBLECH, Carla. História da Origem das Histórias em Quadrinhos. **Café História – história feita com cliques.** 2010. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/historia-da-origem-das>> Acesso em: 12 jul. 2012.
- MENDEZ, Ana Lúcia. et. al. Ensino de Línguas Estrangeiras pelo Gênero “Tirinhas”. **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia.** v. XV. n 5. t 2. Rio de Janeiro: CiFEFil. 2011. p. 1677-1683. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/139.pdf> Acesso em: 15 jan. 2018.
- MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos.** Porto Alegre: L & PM, 1986.
- PENNA, Isabela Monteiro. **As Histórias em Quadrinhos (HQ) de Maitena como Auxílio no Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna (LEM).** 2010. 62 f. Graduação (Curso de Letras Portugues/Espanhol), Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2010.
- RAHDE, Maria Beatriz. Origens e Evolução da História em Quadrinhos. **Famecos.** Porto Alegre, n. 5, nov. 1996, sem. p. 103-106.
- RODRIGUEZ, Daví Jaén. **História em quadrinhos na aula de língua estrangeira:** proposta de análise de adequação didática e sugestão de exercícios. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP, 2008.

SILVA, Dálete Cavalcante Guilherme da; SILVA, Débora Vieira. O Feminismo em Mafalda como aporte para o ensino da Língua Espanhola a partir de uma Perspectiva Inter/multicultural. **Anais Eletrônicos Enill**. 12p. 2010.

SILVEIRA, Érico da (coordenação-geral). História em Quadrinhos: um Recurso de Aprendizagem. **TV Escola/Salto para o Futuro**. Ano XXI – Boletim 01 - Abr 2011. Vídeo. Programas 1-5. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4gcehhsTWnQ>> Acesso em: 16 jan. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. A Atualidade das Histórias em Quadrinhos no Brasil: a Busca de um Novo Público. **História, Imagem e Narrativas**. 20 p. n 5. ano 3. set/2007.

Recebido em 21/07/2018

Aceito em 20/11/2018